

Aprender a ler para escrever a história: uma experiência de educação popular de jovens e adultos na Comissão Municipal de Ensino de Piracicaba-SP

Maria de Fátima Oliveira¹

Resumo

Trata-se de um projeto de educação popular de jovens e adultos equivalente ao supletivo de 3ª e 4ª séries, realizado pela Comissão Municipal de Ensino de Piracicaba, São Paulo, no período de março a novembro de 1990, que procurou desenvolver a tomada de consciência e atitude crítica dos educandos, tendo por base a *Pedagogia do Oprimido* (1987), permitindo à classe trabalhadora aprender a ler para escrever a história.

Palavras-chave

Educação Popular. EJA. Pedagogia do oprimido. Educação libertadora. Despertar da consciência.

¹ Especialista em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; pesquisadora do Observatório de Política Pública (OPP/UFU). E-mail: mfoajudi@yahoo.com.br.

Learning to read to write history: an experience of popular education for young people and adults at the Municipal Teaching Commission of Piracicaba/SP

Maria de Fátima Oliveira²

Abstract

This is a popular education project for young people and adults equivalent to the supplementary 3rd and 4th grade, carried out by the Municipal Teaching Commission of Piracicaba, State of São Paulo, Brazil, from March to November of 1990, which sought to develop awareness and critical attitude of the students, based on the *Pedagogy of the Oppressed* (1987), allowing the working class to learn to read in aim to write history.

Keywords

Popular Education. Youth and Adult Education. Pedagogy of the oppressed. Liberating education. Awakening of consciousness.

² Specialist in Ethics and Political Philosophy, Federal University of Uberlândia, Minas Gerais, Brazil; researcher at the Public Policy Observatory (OPP/UFU). E-mail: mfoajudi@yahoo.com.br.

Introdução

Trata-se de um resgate de uma experiência vivida há 31 anos, como homenagem ao Centenário do Grande Mestre Paulo Freire, que marcou profundamente a minha vida enquanto profissional que acredita na educação como uma prática libertadora. O resgate histórico só foi possível pelo registro do nosso diário de campo e pelas anotações datilografadas da sistematização da prática educativa realizada em Piracicaba em 1990.

A responsabilidade do projeto é coletiva, visto que a equipe de coordenação e a de monitores³ participaram ativamente da elaboração do presente projeto, ao mesmo tempo em que possibilitaram a concretização da proposta pedagógica realizada no Município de Piracicaba.

Contexto histórico

Para compreender o contexto em que foi realizado o presente projeto, faz-se necessário resgatar o processo histórico em que estava inserido, conforme registro no Caderno de Educação Popular – Proposta Municipal de Piracicaba (1989). Em 1971 foi criada a Comissão Municipal de Ensino, que era um órgão da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Piracicaba, e até o ano de 1985 a Comissão cuidava da realização do Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral, na cidade. Em 1985, a Fundação Mobral deixou de existir por meio do Decreto do Governo Federal (decreto n. 91.980, de 25 de novembro de 1985), sendo criada a Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos, conhecida pela sigla Educar, mantendo o mesmo conteúdo didático dos livros adotados pelo Mobral. Nesse período, a Comissão era responsável por oito classes da Fundação Educar em Piracicaba/SP.

Em 1989, a Fundação Educar resolveu que não iria mais pagar os monitores e passaria a fornecer os livros e o apoio técnico somente para a região sul do país. No dia 8 de junho de 1989, todas as Prefeituras Petistas do Estado de São Paulo se reuniram em Conchas/SP e assinaram um documento conjunto para a Fundação Educar, exigindo o repasse da verba para o pagamento dos monitores, pois só os livros não bastariam. O conteúdo desses livros era

³ Na oportunidade, queremos registrar e agradecer a equipe de monitores/educadores que fizeram parte da elaboração deste projeto, a saber: Alexandra A. A. de Oliveira; Geralda de Carvalho Pereira Filha; Liane J. Kuln; Maria Cristina de Souza; Mario Carvalho da Silva; Márcia Imaculada de Souza, e contamos também com a colaboração de Leopoldo Belmonte Fernandes e o apoio incondicional da Célia Aparecida Domingues (coordenadora de 1ª e 2ª séries) e da coordenadora geral Maria Rosa Romero.

baseado na educação tradicional, que não dava brechas para o trabalhador contribuir com sua sabedoria.

Diante desse contexto, a Secretária Municipal de Educação de Piracicaba, Maria Cecília Ferreira, não aceitou a proposta da Fundação Educar e resolveu criar uma campanha própria de Educação de Jovens e Adultos, em parceria com educadores da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) que foram nomeados: Presidente - Edivaldo José Bartoleto; Tesoureiro – Francisco Negrini Romero; e Secretária Executiva – Maria Rosa Romero, que começariam a trabalhar na criação de uma Proposta Democrática e Popular para Educação de Jovens e Adultos do Município de Piracicaba. Foi com o pensamento voltado para as necessidades do trabalhador que a nova Comissão organizou três encontros com dirigentes representantes do movimento popular e sindical⁴ do Município de Piracicaba, que participaram por meio das reivindicações, como também com a sabedoria aprendida na luta.

Em setembro de 1989, iniciaram 14 núcleos de alfabetização de jovens e adultos. Em um ano de campanha passou a funcionar com 29 núcleos de alfabetização, pós-alfabetização (equivalente a 1ª e 2ª séries) e a partir de março de 1990 iniciaram 6 núcleos de 3ª e 4ª séries, assim distribuídos: Núcleos dos Trabalhadores na Prefeitura; Núcleo Vila Cristina; Núcleo Novo Horizonte; Núcleo Algodal; Núcleo Vila Monteiro; e Núcleo Distrito de Tupi. O curso foi ministrado diariamente, das 19h às 21h, nos bairros, das 6h30 às 8h30 e das 16h às 18h, nos núcleos de Trabalhadores Municipais.

Por que optar por uma proposta de educação popular?

A referida experiência está inserida no contexto de uma Administração Democrática e Popular, tendo por base a Proposta definida em Janeiro de 1990 pela Assembleia Municipal de Educação Popular (AMEP), e desenvolvida pela Comissão Municipal de Ensino da Secretaria Municipal de Piracicaba/SP, que visava realizar uma educação libertadora de jovens e adultos que trilhasse o caminho em busca da transformação das desigualdades e da construção de uma sociedade justa e igualitária.

Para realizar essa proposta de educação libertadora, temos claro o que diz Paulo Freire:

⁴ Contribuíram na elaboração da proposta os dirigentes dos bairros: Itapoã; Monte Cristo; Saltinho; Vila Sônia; Vila Independência; Dois Córregos; Piracicamirim; Jardim Planalto; Balbo; Jardim Glória; Parque dos Eucaliptos; Algodal; Parque Orlândia. Movimento Popular e Sindical, centros comunitários: Jardim Esplanada; Jaraguá; Paulicéia; Novo Horizonte; e Vila Cristina. Movimento Negro, Sindicato dos Trabalhadores Municipais e Associação de Professores do Estado de São Paulo. Fonte: Caderno Educação Popular: Proposta da Prefeitura Municipal de Piracicaba, 1989.

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformá-la. Ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujas formas e contornos não discerne. (FREIRE, 1979, p. 22).

Nesse sentido, temos como tema gerador/eixo central da nossa proposta pedagógica, o estudo da sociedade, para deixar claro como iniciou o processo de exploração e dominação e como ao longo da história esse processo se fortalece em nossa sociedade.

Nesse processo de tomada de consciência, que se dá na relação educador-educando, há a necessidade de “reinventar a educação” que segundo Brandão (1985), é “uma expressão cara a Paulo Freire e aos seus companheiros do Instituto de Desenvolvimento e Ação Cultural”. De acordo com Brandão (1985, p. 99-100),

O mais importante nesta palavra “reinventar”, é a ideia de que a educação é uma invenção humana, e se em algum lugar foi feita um dia de um modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso e até oposto. Muitas vezes um dos esforços mais persistentes em Paulo Freire é um dos menos lembrados. Ao fazer a crítica da educação capitalista, que ora chamou de “educação bancária”, ora de “educação do opressor”, ele sempre quis desarmá-la da ideia de que ela é maior do que o homem. De que as pessoas são um produto da educação, sem que ela mesma seja uma invenção das pessoas, em suas culturas, vivendo as suas vidas. Ele sempre quis livrar a educação de ser um *fetichê*.

Nessa direção é que a ação pedagógica foi se descortinando a fim de realizar uma proposta de educação popular em que toda equipe envolvida, sobretudo os monitores/educadores pudessem superar a educação bancária, opressora, para vivenciar na relação educador-educando, uma prática de educação libertadora, de maneira que os educandos não percebam os educadores como seres sobrenaturais, donos do saber, mas que ocorra de fato um processo de ensino-aprendizagem. Como esclarece Freire (1987, p. 69), “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Para que haja de fato trocas de saberes, é fundamental que tanto educadores quanto educandos, possam despertar a consciência para promoverem a transformação da realidade em que vivem, como também participar do processo de transformação da sociedade, visto que:

na concepção “bancária” – permita-se-nos a repetição insistente – o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o

seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo. (FREIRE, 1987, p. 71).

Percebe-se assim, que se trata de uma prática educativa desafiadora, que busca romper com a educação “bancária” de dominação para estabelecer novas relações entre educador-educando, tendo o diálogo como condição essencial para realizar uma educação libertadora.

Essa relação dialógica entre educador-educando, vai desvelando o papel da educação na vida dos homens. De acordo com Terezinha Rios (1997), falar da educação como um fenômeno histórico e social necessita recorrer a uma definição extremamente abrangente, quando nos diz que *educação é a transmissão de cultura*. Assim, a educação libertadora tem um papel fundamental de resgatar a cultura da classe trabalhadora, valorizando os saberes populares no cotidiano dos núcleos de estudo e dos ciclos de cultura. Por essa razão, faz-se necessária uma reflexão sobre a importância da cultura na relação entre educação e sociedade. Segundo a autora, “não há sociedade sem cultura, e não se fala em cultura sem a referência a uma relação social e que, portanto, a cultura pode ser definida, em primeira instância, como *o mundo transformado pelos homens*” (RIOS, 1997, p. 30). Nessa perspectiva, o que faz o homem transformar o mundo é a busca por satisfazer as suas necessidades humanas, que são relacionadas às necessidades objetivas e subjetivas e assim, todos os homens são criadores de cultura.

Por isso, a proposta da educação libertadora resgata a cultura e sabedoria popular aprendidas na vida dos jovens e adultos, e ao mesmo tempo visa desenvolver a tomada de consciência e atitude crítica dos educandos, tendo por base a *Pedagogia do Oprimido* (1987), permitindo à classe trabalhadora aprender a ler para escrever a história, sendo assim, agente transformador da realidade em que vive. Segundo Dussel (2000, p. 443):

A “práxis de libertação”, para Freire, não é só um ato revolucionário, mas todo um ato transformativo humanizante em prol dos oprimidos, e para que deixem de ser oprimidos... O ato pedagógico crítico se exerce no próprio sujeito e na sua práxis de transformação: a libertação assim é “o lugar” e o propósito desta pedagogia.

Portanto, defendemos que a educação libertadora promove uma grande revolução que permite ao ser humano aprender a ler para escrever a história, unindo as forças com os movimentos sociais, sindicais e partidos progressistas na construção de uma sociedade democrática e igualitária.

Para que desenvolver a proposta de educação libertadora?

A proposta de educação libertadora para a pós-alfabetização de jovens e adultos equivalentes a 3ª e 4ª séries, visou atender, em nível geral, os seguintes objetivos:

Permitir ao educando ler, interpretar e compreender a realidade a partir do processo histórico das relações sociais e naturais expresso nas representações linguísticas, matemáticas e artísticas em busca de uma ação libertadora. Desenvolver uma educação libertadora fazendo com que o educando se perceba sujeito do processo histórico, participando das lutas e conquistas populares, modificando o meio. (EQUIPE PEDAGÓGICA, 1990).

Como pensar em uma metodologia que possibilite a realização da proposta da educação libertadora?

A proposta da Comissão Municipal de Ensino de Piracicaba foi bastante desafiadora, pois se resolveu adotar a educação libertadora em substituição à proposta de uma educação tradicional do Mobral, cujos conteúdos programáticos não valorizavam a sabedoria e a cultura popular. Inclusive, a princípio, houve resistência por parte dos educandos, que expressavam o descontentamento em conviver com a realidade de estar na sala de aula e não acompanhar a prática educacional com conteúdos estabelecidos em livros ou cartilhas prontas, o que gerou a evasão de alguns educandos. Mas, à medida que o diálogo foi acontecendo na relação entre educador-educando, percebeu-se que em uma proposta de educação libertadora era necessário romper com a educação bancária, em que o conhecimento é repassado sem questionamentos, nem abertura para troca de saberes na relação professor-aluno.

No caso da educação libertadora, os conteúdos programáticos foram construídos pela equipe pedagógica a partir de textos básicos, o que desencadeou o processo de reflexão-ação, e ao final de cada estudo temático, os próprios educandos elaboravam textos individuais e coletivos com desenhos, poesias e com muita criatividade, e assim, aos poucos, iam produzindo os cadernos de cultura (foto 1) a partir do resultado da prática pedagógica.

A pedagogia do oprimido proposta por Paulo Freire nos leva a refletir sobre uma metodologia de ensino totalmente inovadora, que exige do educador repensar a maneira de relacionar-se com os educandos, reconhecendo que os conteúdos programáticos servem de referência, e que a partir do diálogo estabelecido na relação educador-educando, abre-se espaço para novos saberes. Trata-se de um processo de ensino-aprendizagem de mão dupla, que necessita da equipe uma maior abertura para fazer as mudanças necessárias durante o

processo pedagógico. Apesar dos grandes desafios vividos, a equipe não desistiu da proposta, pelo contrário, as dificuldades do caminho e a prática em movimento fortaleceram todos os envolvidos comprometidos em desenvolver uma metodologia de ação na perspectiva de uma educação libertadora. Para Freire (1987, p. 41):

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na prática, na práxis, com sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo permanente de libertação.

Com esse processo permanente de libertação e transformação na relação educador-educando, a pedagogia do oprimido possibilita o desvelamento da realidade, ampliando assim a consciência crítica sobre a visão de homem e do mundo por meio da educação libertadora.

Esse processo de construção da prática dialógica estabeleceu um movimento constante de reflexão-ação na relação educador-educando, na medida em que compreendem o seu ser no mundo, abrindo-se às possibilidades ônticas, agindo concretamente para mudar a realidade vivida enquanto ser individual e coletivo, sendo partícipe de uma sociedade mais humana, igual e livre.

Diante dessas reflexões, adotamos as diretrizes metodológicas a partir do pensamento filosófico de Paulo Freire (1979), em suas ideias-força, ao mesmo tempo em que o método da reflexão-ação⁵, defendido em *Pedagogia do Oprimido* (1987), esteve presente em todo processo da prática pedagógica, que apresentamos a seguir.

Processo de construção da Proposta Curricular

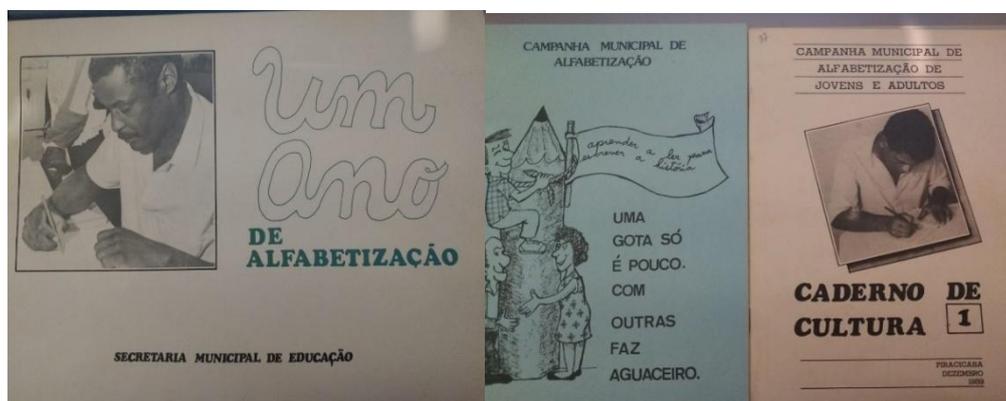
Como vimos anteriormente, o projeto surgiu a partir das reivindicações do movimento popular de Piracicaba. Nesse sentido, iniciamos em março de 1990 as discussões para a construção da proposta pedagógica, tendo claro que o eixo central seria a área de conhecimento de Ciências Sociais, por meio do tema gerador *o estudo da sociedade*, articulado às áreas de conhecimento: Matemática; Português; Ciências Naturais; e Artes.

⁵ Conforme Freire (1987, p. 52-53), “os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais*. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica do ser do homem. Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz a prática. Por outro lado, se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica”.

Essas áreas foram desenvolvidas de acordo com o momento histórico, fazendo relação com a realidade do educando. Apesar de termos definido o eixo central, começamos o curso em abril de 1990 sem uma proposta curricular pronta, sendo construída durante o processo com planejamento semanal, quinzenal e até mensal das atividades pedagógicas.

Em virtude da Comemoração do 1º ano da Campanha de Alfabetização, membros da Comissão Municipal de Ensino de Piracicaba, em 18/04/1990, participaram de uma reunião com Paulo Freire, que na época era o Secretário Municipal de Educação de São Paulo, na gestão de Erundina. Momento inesquecível em que a Coordenadora Maria Rosa Romero, apresentou os desenhos dos educandos (antes e depois da alfabetização) e os cadernos de cultura:

Foto 1 – Cadernos de cultura produzidos



Fonte: Acervo da autora (2021).

Paulo Freire confirmou sua presença na comemoração do primeiro ano do projeto da Comissão, em 29/06/1990 e, diante do material, expressou o seu contentamento dizendo: “Achei fantásticos os desenhos, me fez lembrar a minha experiência no mundo. Pretendo fazer o prefácio, por favor, deixe comigo, que farei amanhã mesmo”. E assim o fez.

Na oportunidade, apresentamos a proposta pedagógica para as 3ª e 4ª séries que estava sendo elaborada pela equipe, tendo como tema gerador *o estudo da sociedade* e como eixo central as Ciências Sociais, articulada às áreas de Ciências Naturais, Matemática, Português e Artes, cuja estrutura do curso foi composta por 4 módulos, sendo que os dois primeiros eram equivalentes ao currículo oficial de 3ª série e os dois últimos, equivalentes ao currículo da 4ª série. Paulo Freire (1990) nos disse: “É muito importante trabalhar o estudo da sociedade com os educandos para que eles possam entender melhor a sua própria história.... Estou muito contente com o trabalho desenvolvido por vocês”.

Realização e acompanhamento da prática pedagógica

Foram capacitados os monitores da equipe, de acordo com suas necessidades, por meio de um processo contínuo de formação na ação. Nesse sentido, foram realizados cursos, seminários, encontros, e participação no fórum de educação popular, entre outras atividades de objetivos semelhantes que visassem a aprendizagem e o aperfeiçoamento da equipe de trabalho. **A reunião pedagógica** também foi um instrumento de acompanhamento da relação educador-educando, visando refletir coletivamente sobre as necessidades, preocupações e interesses da prática pedagógica. E também pensar a dinâmica dos núcleos, o planejamento da ação pedagógica e a discussão de temas educativos voltados para a formação profissional dos educadores envolvidos. Durante as reuniões pedagógicas com os monitores/educadores, foram levantadas e discutidas as seguintes temáticas: registro da prática educativa⁶; papel do educador na sociedade⁷; e a participação no Desenvolvimento de Comunidade⁸.

As reuniões pedagógicas foram realizadas semanalmente. O desenvolvimento da pauta constava de: **Análise crítica do cotidiano dos núcleos** - nesse momento, os monitores expressavam a dinâmica dos núcleos por meio dos registros de dados contidos no diário de campo, sendo apresentados e discutidos coletivamente as dificuldades, os avanços e as propostas de superação dos equívocos da prática educativa. Esse momento de expressão coletiva proporcionou um crescimento da equipe no sentido da ajuda mútua, evitando o individualismo; **Oficinas de trabalho** – as oficinas foram realizadas semanalmente, visando preparar o material pedagógico para serem trabalhados com os educandos na sala de aula, exigindo muita pesquisa para elaboração dos textos básicos, visto que não adotamos livros nem cartilhas prontas, pois foi no transcorrer do processo pedagógico que se construiu o material didático, sendo assim, o educador, sujeito da ação pedagógica; **Atividades Pedagógicas** – foram utilizadas em sala de aula e no processo de formação dos monitores, um grande número de atividades pedagógicas, elas buscavam o enriquecimento da prática e maior aproveitamento dos conteúdos. Algumas atividades desenvolvidas foram: oficinas de fantoches; murais transformados em livros; dinâmicas e vivências de grupo; produção e troca

⁶ Foram discutidos os textos: MARQUES, M. O. Das práticas educativas à elaboração teórica. **Contexto & Educação**, Ijuí, ano 2, n. 7, 1997. p. 9-18; FALKEMBACH, E. M. F. Diário de Campo: um instrumento de reflexão. **Contexto & Educação**, Ijuí, ano 2, n. 7, 1987. p. 19-24.

⁷ Nesta temática foi discutido o texto: OLIVEIRA, V. Educação: do ato político ao ato revolucionário. **Contexto & Educação**, Ijuí, ano 3, n. 11. p. 85-91.

⁸ Em nível de equipe geral de monitores, houve apenas um momento de discussão em torno do tema “participação”, por meio do texto: SOUZA, M. L. Desenvolvimento de Comunidade e Participação. São Paulo, Cortez, 1987. p. 79-96.

de textos; exercícios produzidos nas oficinas; atividades articuladas para serem trabalhados os conteúdos programáticos; participação dos educandos nas atividades do projeto geral da Comissão – Assembleia Municipal de Educação Popular e na Festa de um ano da Campanha Municipal da Alfabetização.

A **Supervisão nos núcleos** teve por objetivos manter contato com o educando no local da ação pedagógica, acompanhando a prática dos monitores na sala de aula com fins de obter elementos para enriquecer os conteúdos e as atividades programáticas, como também auxiliar os monitores na resolução dos problemas cotidianos na prática pedagógica.

As **Etapas da Ação Pedagógica** estão aqui apresentadas e separadas para efeito de análise, porém na prática pedagógica, estavam interligadas dialeticamente.

1ª etapa - Início da tomada de consciência da realidade do educando

Nessa etapa, o educador deveria perceber e conhecer a realidade dos educandos por meio da pesquisa temática, ao mesmo tempo, que se inicia o processo de observação dos níveis de conhecimento do educando a fim de perceber as diferentes visões de mundo, ou seja, visão ingênua da realidade; visão pré-crítica, apresentando o início da tomada de consciência da realidade e a visão crítica que é o desvelamento da realidade voltado para uma ação libertadora.

2ª etapa: Problematização da realidade

Para que o educador, em sua ação pedagógica, pudesse perceber tais níveis de conhecimento do educando, fez-se necessário saber problematizar a realidade a partir da reflexão da consciência de si, de grupo e de social, tendo por base a vocação do ser enquanto sujeito histórico e social. Essa etapa foi desenvolvida a partir dos conteúdos programáticos e leitura da realidade dos educandos, acompanhando o processo histórico, visto que todo o conhecimento se dá historicamente, fazendo articulação entre passado-presente para que educador-educando possa ser sujeito do projeto libertador da futura sociedade.

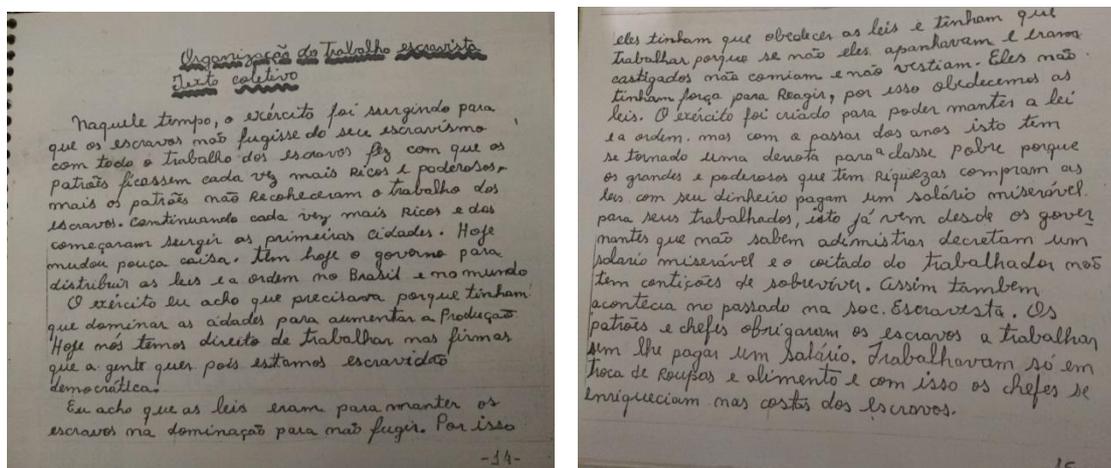
Nesse sentido, os educadores não poderiam reproduzir a educação formal, mas adotar em sua prática pedagógica a educação problematizadora, que serve à libertação, percebendo que o confronto e a solidariedade são contrários e necessários na prática pedagógica, isso porque o confronto ajuda a reconhecer as relações de desigualdade e dominação, para perceber os conflitos e aprender a lidar com eles numa busca libertadora. No entanto, a

solidariedade surge como identidade e fortalecimento do poder popular por meio da ação educativa. Para que possamos desenvolver uma educação problematizadora, a informação e o diálogo são elementos necessários à caminhada crítica na relação educador-educando, por meio do processo de conhecer o existente e o desconhecido a fim de criar um novo conhecimento.

3ª Etapa: Valorização da produção dos educandos

O processo de desvelamento da realidade permite aos educandos perceberem suas capacidades e potencialidades enquanto seres criadores de cultura e fazedores de história. A expressão viva desse despertar é registrada durante a ação pedagógica por meio dos textos individuais, coletivos, causos, poesias, dramatizações, murais, desenhos, entre outras produções do educando.

Foto 2 – Produções dos educandos

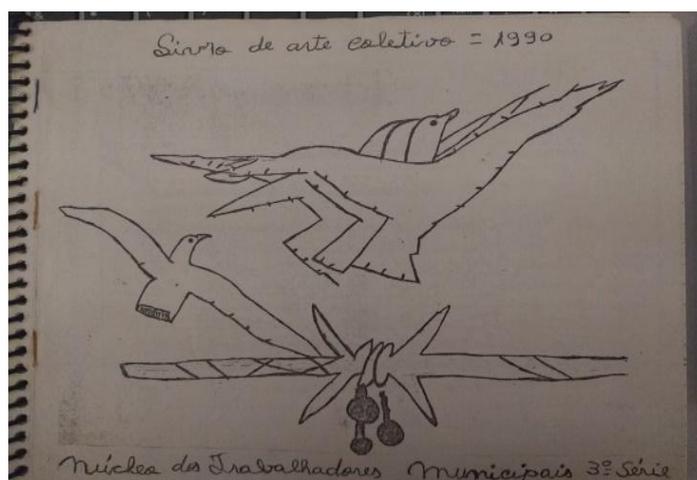


Fonte: Acervo da autora (2021).

E a melhor forma de avaliar o trabalho do educando, consiste no resgate desse material por meio de um grande mural feito pelos núcleos. Na medida em que os murais foram produzidos, não ficavam apenas na sala de aula, esse material circulava entre os núcleos, dando oportunidade aos educandos de se conhecerem e se valorizarem mutuamente.

Os murais representavam a junção dos saberes, frutos da relação educador-educando, sendo transformados em “cadernos”, superando assim a ansiedade dos educandos de terem um livro pronto e acabado, fazendo-os perceber que são capazes de produzir os seus próprios livros a partir de sua realidade e sabedoria.

Foto 3 – Mural transformado em Caderno



Fonte: Acervo da autora (2021).

4ª Etapa: Intercâmbio entre os núcleos

A proposta do intercâmbio entre os núcleos foi uma iniciativa da equipe “Educar para Transformar”, dos núcleos de pós-alfabetização de 1ª e 2ª séries, coordenado pela companheira Célia Aparecida Domingues.

Diante dos resultados positivos, adotamos na prática pedagógica o intercâmbio entre os núcleos a cada dois módulos (referente a 3ª e 4ª séries). Após discussão com a equipe, definimos que o intercâmbio deveria atingir os seguintes objetivos:

- Favorecer trocas de experiências e conhecimentos produzidos pelos educandos durante o processo de ensino-aprendizagem, por meio do material exposto nos murais (textos coletivos, causos, desenhos, poesias, entre outras produções);
- Proporcionar o reconhecimento dos educandos como sujeitos da prática pedagógica;
- Avaliar a proposta pedagógica do ponto de vista dos educandos (autoavaliação/identidade do grupo);
- Permitir a troca de vivências da realidade social dos educandos como prática cultural para liberdade, rompendo com o sistema e a educação tradicional;
- Reforçar a seriedade da Campanha de Alfabetização enquanto educação popular, promovendo em sala de aula situações favoráveis para o despertar da consciência crítica da realidade, ao mesmo tempo, reforçar a unidade de reflexão entre os núcleos envolvidos. (EQUIPE PEDAGÓGICA, 1990).

Na tentativa de alcançar os objetivos, o intercâmbio apresentou duas fases. Na fase I ocorreu o processo de conhecimento e avaliação entre os núcleos em nível de: educandos; educadores; atividades desenvolvidas em sala de aula; e de consciência da realidade social dos educandos. Tais níveis foram discutidos em sala de aula a fim de obter um roteiro norteador

dos debates durante os intercâmbios. Na fase II, tivemos a avaliação das experiências vividas durante o intercâmbio, produzindo conhecimento por meio dos textos individuais e coletivos, cadernos, jornais, que foram trocados entre os núcleos; e que viabilizou propostas ou sugestões de continuidade dos intercâmbios.

Como forma de liberação das tensões e medos durante as visitas, foram desenvolvidas as seguintes dinâmicas de grupo: no início – dinâmica de apresentação; no meio – promover o debate (desenvolvimento da fase I); e no final – promover a confraternização e a entrega dos cadernos produzidos pelos núcleos envolvidos no intercâmbio.

5ª Etapa: Abertura núcleo – comunidade – sociedade

A ação pedagógica não deve fortalecer apenas a tomada de consciência da identidade dos grupos formados nos núcleos, mas propiciar que os educandos transformem-se em educadores na sua comunidade, no seu trabalho, e na sociedade, por meio da produção de panfletos, jornais, peças teatrais e pela participação crítica, expressando suas ideias e atitudes, tendo clareza que, esse “participar”, não significa aceitar que os movimentos de bairro ou mesmo os sindicatos reproduzam o sistema opressor, mas que a participação dos educandos-educador seja crítica rumo a uma real transformação da realidade.

Nesse sentido, as etapas anteriores vividas em sala de aula foram úteis no processo de organização, mobilização, participação e conscientização da classe oprimida, que vem ocorrendo no cotidiano das lutas populares. Isso porque a proposta de educação não pode e nem deve acabar na sala de aula, mas deve ser o início da tomada de consciência social para que ocorra de fato a mudança nas estruturas de nossa sociedade.

Para que a equipe pudesse realizar uma avaliação permanente da ação pedagógica, foi utilizado o método reflexão-ação, que permite discussão, confronto, tomada de consciência e atitude de mudança da realidade, na relação educador-educando-equipe de trabalho, em que a coerência desse processo de análise permitiu o amplo desenvolvimento de uma ação libertadora. O método foi aplicado no transcorrer das reuniões pedagógicas, nas oficinas e no cotidiano dos núcleos, para que os sujeitos pudessem reconhecer os avanços e recuos/dificuldades da prática, buscando democraticamente soluções coletivas, para que a ação educativa rumo à libertação das classes oprimidas se concretizasse de fato.

Os **principais avanços alcançados foram**: superação dos conteúdos conservadores, sendo um trabalho mais progressista visando a politização e consciência crítica dos educandos; a coesão e o compromisso da equipe conseguiu superar as dificuldades no

processo de construção do material pedagógico a partir da proposta curricular; superação das resistências dos educandos que cobravam livros prontos e o contentamento dos mesmos ao produzirem os seus próprios cadernos; o sucesso dos intercâmbios entre os núcleos com as trocas de experiências e conhecimento entre os educandos; e, destaca-se ainda, que houve aumento do número de educandos, com a abertura do Núcleo da Vila Monteiro, em julho de 1990. Em dezembro de 1990, conseguimos fazer a Festa de Formatura dos educandos que concluíram o supletivo de 1ª a 4ª séries, envolvendo todos os núcleos da Comissão Municipal de Ensino.

As principais dificuldades apresentadas: o número reduzido de bibliografia para pesquisa dificultou a produção do material pedagógico de conteúdos para 3ª e 4ª séries; houve poucos momentos de formação política/pedagógica envolvendo monitores de todos os núcleos da Comissão Municipal de Ensino; dificuldade do uso do diário de campo por parte dos monitores para refletir a prática pedagógica; algumas chefias da Prefeitura faziam pressões e ameaças de possível demissão dos educandos que participavam do Núcleo dos trabalhadores municipais, sendo necessária a visita do Prefeito no núcleo para confirmar o apoio ao projeto e dissolver as ameaças e boatos; houve também alguns educandos que apresentaram dificuldades nas quatro operações e na morfologia das palavras.

As sugestões para superar as dificuldades: solicitar à coordenação geral a compra de material escolar e bibliográfico para pesquisa e subsídios na elaboração do material pedagógico para os núcleos de 3ª e 4ª séries; fazer calendário anual de formação política/pedagógica permanente, envolvendo todos os monitores da comissão; aprofundar a reflexão sobre o uso do diário de campo sobre a importância do registro da prática pedagógica; discutir com o Prefeito, com a Secretária de Educação e com todos os envolvidos para resolver a questão da liberação dos trabalhadores da Prefeitura para participarem das aulas nos núcleos; e produzir mais exercícios de matemática e português em atendimento às necessidades dos educandos.

O método de reflexão-ação, foi válido e necessário para que o projeto de 3ª e 4ª séries passasse também por uma avaliação crítica da equipe de Coordenação Pedagógica da Comissão, visando perceber os nossos avanços, recuos e sugestões que permitiram melhorar a qualidade de ensino e continuidade da proposta de educação libertadora.

No final do ano de 1990, houve a segunda avaliação do Projeto da Comissão, realizada em várias instâncias, não apenas na AMEP. Em função da grande demanda da população, o projeto ampliou-se para além da alfabetização de jovens e adultos, abrangendo o Ensino Fundamental nas escolas públicas municipais, passando a denominar-se a *Escola de Pensar*.

Considerações finais

O presente relato de experiência foi um exercício bastante desafiador e prazeroso, que nos permitiu reviver momentos inesquecíveis há mais de 30 anos, e entre tantos fatos marcantes dessa história, destacamos principalmente a emoção vivida pelos educandos durante os intercâmbios. Alguns idosos, que nasceram no Distrito de Tupi, não conheciam o centro da cidade de Piracicaba, nem circulavam nos bairros, pois tinham medo de se perderem e muita vergonha por não saberem ler e escrever. Eles ficaram muito emocionados e alegres por terem vivenciado essa experiência dos intercâmbios e, pela primeira vez, sentiram o valor da liberdade.

Em sua obra *Ética da Libertação*, Dussel (2000, p. 547, grifo no original) cita Paulo Freire, afirmando: “os oprimidos têm *medo de liberdade*... é a impossibilidade ontológica de os oprimidos serem sujeitos para encararem a própria libertação”. Nesse contexto, entra em cena a importância da educação libertadora que, durante a ação pedagógica, na relação educador-educando, desenvolve um processo de tomada de consciência, desvelando a realidade e valorizando a cultura e saberes populares, percebendo-se assim, como sujeitos do processo histórico, rompendo com o medo de serem livres.

De acordo com Terezinha Rios (1997), ao projetar algo, tem-se em mente um ideal, uma utopia, e que para muitos significa algo impossível de realizar, porém quem acredita de verdade, significa algo ainda não realizado. Com certeza o projeto de educação libertadora era um ideal da Equipe Pedagógica que cotidianamente foi se tornando realidade, e em dois anos, ampliou-se para o ensino fundamental em Piracicaba-SP.

Portanto, manter os nossos ideais, as nossas utopias, é manter viva a chama da esperança, do verbo esperar, fazer acontecer na certeza que é a melhor maneira de enfrentar as crises, como a que vivemos atualmente, não apenas com a pandemia na saúde, mas principalmente com a crise na política, em que convivemos com grandes perdas de direitos sociais, negação da ciência, destruição da legislação em defesa do meio ambiente; constantes cortes de recursos financeiros na política de educação e, sobretudo, ataques à memória do legado de Paulo Freire.

Diante dessa realidade nacional, nos solidarizamos com todos aqueles que vêm desenvolvendo vários eventos em comemoração ao centenário desse grande mestre, que sempre lutou por uma educação libertadora, na busca de uma sociedade democrática, igual e livre. Essa é a nossa homenagem! Paulo Freire vive!

Referências

- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 16. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- DUSSEL, E. **Ética da libertação**: na idade da globalização e da exclusão. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto & Educação**, Ijuí, ano 2, n. 7, p. 19-24, 1987.
- FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MARQUES, M. O. Das práticas educativas à elaboração teórica. **Contexto & Educação**, Ijuí, ano 2, n. 7, p. 9-18, 1997.
- OLIVEIRA, V. Educação: do ato político ao ato revolucionário. **Contexto & Educação**, Ijuí, ano 3, n. 11, p. 85-91.
- PEREIRA, W. C. C. **Dinâmica de grupos populares**. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.
- RIOS, T. A. **Ética e competência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- RODRIGUES, M. L. **O trabalho com grupos e o serviço social**. 4. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1984.
- SOUZA, M. L. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. São Paulo: Cortez, 1987. p. 79-96.

Submetido em 15 de julho de 2021.

Aprovado em 15 de agosto de 2021.